

Nomeação de ministros amplia espaço de senadores 'sem voto'

Nove suplentes assumiram cadeiras, número maior que o de 2019, e movimentação gera impasses ao governo até na base

CAMILA TURTELLE
cortado.turtelle@globo.com.br
matéria

Sem receber voto nas urnas, suplentes de senadores ampliaram espaço na atual legislatura e ganharam protagonismo nas decisões do Congresso. São nove parlamentares que assumiram cadeiras, número superior aos três de 2019, mas abaixo dos 11 do mandato anterior. A maioria está nas vagas de titulares escalados pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva para a composição da equipe ministerial e, mesmo na base, há casos de substitutos que vêm contrariando os interesses do governo.

Por ser uma eleição majoritária, os suplentes são definidos previamente, na chapa dos titulares, assim como são escolhidos vices de prefeitos, governadores e presidente. É um sistema distinto ao da escolha de deputados, que é proporcional — neste caso, os que assumem as vagas em caso de vacância recebem votos por conta própria.

Há nomes com experiência política e outros novatos,

caso da senadora Margareth Buzetti (PSD-MT), que está no lugar do ministro da Agricultura, Carlos Fávaro. Apesar de ser de um partido governista, ela ainda é uma incerteza nas votações de interesse da base, mas afirma defender as mesmas bandeiras que Fávaro no Senado.

A senadora contrariou a orientação do governo, por exemplo, ao apoiar o projeto de lei sobre o marco temporal das terras indígenas (PL-RJ) para limitar a abrangência do projeto das apostas esportivas a jogos baseados em eventos reais, excluindo cassinos on-line — o que foi retomado pela Câmara posteriormente. Ela também foi a favor do projeto de lei sobre o marco temporal das terras indígenas. Neste tema, Fávaro reassumiu a vaga quando o Congresso analisou o veto de Lula e também foi contra o Planalto.

Participou ativamente da campanha e organizou reuniões para levar as propostas da chapa aos eleitores. Nas vezes em que resolveu votar contra o governo, conversei com o líder

do PSD, Otto Alencar (BA). Nunca votei contra o agro, setor produtivo ou pautas em que o Mato Grosso possa ser prejudicado — diz a senadora. Carlos Fortinho (PL-RJ), líder da bancada do PL no Senado, assumiu a cadeira após a morte de Arolde de Oliveira em 2020. Ele concordou que há suplentes desconectados com a política, mas afirma que não é o próprio caso.

— Canso de escutar que o suplente caiu de paraquedas, mas eu tenho uma história política como secretário e fundador do PSD — afirma Fortinho.

Quem também nunca havia concorrido a um cargo público é o senador Glócondino (MDB-SP), titular da vaga deixada por Major Olímpio, que morreu de Covid-19 em 2021. De atuação discreta, o parlamentar se pronunciou apenas nove vezes na tribuna do Senado em 2023.

Há entre os suplentes também nomes com trajetória mais extensa na vida pública, como a senadora Augusta Brito (PT-CE), que

ASSUMINDO A CADEIRA

Os senadores suplentes no primeiro ano de mandato

Suplente	Titular
Margareth Buzetti (PSD-MT)	Fernando Droure (MDB-PE)
Carlos Fávaro (min. da Agricultura)	Carlos Fortinho (PL-RJ)
Jarbas Vasconcelos (licenciado por questões médicas)	Arolde de Oliveira (morte em 2020)
Augusta Brito (PT-CE)	Jorgeinho Melo (e-ito governador de SC)
Ana Paula Lobato (PSB-MA)	Major Olímpio (morte em 2021)
Fernando Farias (MDB-AL)	
Camilo Santana (min. da Educação)	Jussara Lima (PSD-PI)
Flávio Dino (ministro da Justiça aprovado ao STF)	Wellington Dias (ministro de Desenvolvimento)
Renan Filho (ministro dos Transportes)	



está na vaga do ministro Camilo Santana (Educação). Antes do Senado, ela foi prefeita e deputada estadual por dois mandatos.

— Mudar o sistema de suplência representaria uma traição à vontade do eleitor, pois poderia levar ao Senado um candidato que não representa a vontade da maioria — argumenta.

SUPLENÇA COMO "ATALHO"

Outra suplente é a senadora Ana Paula Lobato (PSB-MA). No mês que vem, ela deixará o posto temporariamente para a volta do ministro Flávio Dino (Justiça). Em seguida, assumirá a cadeira definitivamente, já que Dino

tomará posse no Supremo Tribunal Federal (STF) no fim de fevereiro. Em 2016, Lobato foi candidata a vice-prefeita de Pinheiros (MA) e, no começo de 2022, assumiu o cargo de prefeita interina, quando o então titular foi afastado pela Justiça.

— O suplente de senador é uma dessas instituições anacrônicas da política brasileira. Como eles quase nunca têm destaque na campanha, a suplência é um atalho para que financiadores, amigos, parentes ou aliados sem experiência ganhem projeção num cargo relevante. Isso é agravado pela prática comum de os titulares se licenciarem para ocupar cargos no

governo federal — analisa o cientista político Bruno Carrazza, professor da Fundação Dom Cabral.

Nos casos de financiamento, o que é permitido por lei, o suplente Fernando Farias (MDB-AL) foi também o principal doador da campanha do titular, Renan Filho (MDB-AL), com R\$ 350 mil — Renan Filho hoje é ministro dos Transportes. A prática se estende também para casos de senadores ainda no exercício do mandato: suplentes de Cid Gomes (PDT-CE), Cleitinho (Republicanos-MG) e Sérgio Moro (União-PR) aparecem entre os doadores de campanha.

LAURENTINO GOMES
Autor de 1808, 1822 e 1889

A TRILOGIA ESTÁ COMPLETA!

O TERCEIRO E ÚLTIMO VOLUME DA SÉRIE BEST-SELLER DE LAURENTINO GOMES

Nenhum outro assunto é tão importante e tão definidor da nossa identidade nacional quanto a escravidão. Conhecê-lo ajuda a explicar o que fomos no passado, o que somos hoje e também o que seremos daqui para a frente. Em um texto impactante e ricamente ilustrado com imagens e gráficos, Laurentino Gomes lança o terceiro volume de sua obra, resultado de 6 anos de pesquisas, que incluíram viagens por 12 países e 3 continentes.

NAS LOJAS ON-LINE, LIVRARIAS E EM E-BOOK **GLOBOLIVROS**